

Entrevista: *Fernando Lattman-Weltman,*

Há anos o CPDOC tem um projeto de memória oral da mídia. Podia falar um pouco sobre ele?

Na verdade este projeto começou quando eu entrei aqui em 91. A gente planejava fazer um dicionário da história da imprensa brasileira, da mídia, nos moldes do que a gente faz aqui com o Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, mas acabou não saindo, e partimos para uma série de pesquisas diferentes sobre mídia, que resultou em vários trabalhos, o primeiro dos quais foi o livro que lancei em 1994, sobre a participação da imprensa na eleição do Collor. Depois teve um trabalho que a Alzira Alves de Abreu e eu fizemos sobre a crise de 1954, teve um livro sobre a transição da imprensa nos anos 50, e depois, a partir de 1997, se não estou enganado, dentro de um projeto grande sobre a transição política brasileira, aqui no CPDOC, a gente começou o trabalho de entrevistas com os principais jornalistas do país naquela época, que renderam dois livros de entrevistas. O meu livro, com a Alzira e com a Dora Rocha, sobre jornalistas que fizeram grandes reformas nos jornais foi publicado com o título “E eles mudaram a imprensa”. Depois, Alzira e Dora fizeram um livro sobre a presença das mulheres nas redações. Além disso, produzimos uma série de outros artigos de análise, como o trabalho da Alzira sobre o jornalismo econômico nos anos 70 e o meu de análise da mídia na inserção política. Além disso, há um trabalho (que nós fizemos depois) de porque a mídia não é trabalhada nos estudos de transição. Continuamos trabalhando, só que em perspectivas diferentes.

– Mas a coleta dessa memória oral na área de mídia continua?

– Olha, além do trabalho que fizemos a partir de 97 com as entrevistas, já tinha havido, antes, na primeira edição do Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, um trabalho muito grande desenvolvido pela Alzira e pela Marieta de Moraes Ferreira, que rendeu os primeiros verbetes de imprensa, publicados na primeira edição do Dicionário, em 83. Depois, a gente continuou e o Núcleo de Estudos de Política Fluminense, aqui do Rio de Janeiro, também andou fazendo algum trabalho com os jornalistas mais ligados à cobertura específica da política local. Não temos feito entrevistas, neste momento, porque estamos com outros tipos de projetos, mas a gente continua sempre trabalhando com o tema. Eu acabei de fechar o curso sobre mídia e política aqui na graduação e continuamos o tempo todo atentos. Inclusive uma das linhas de pesquisa nas quais estou trabalhando agora é justamente sobre essa entrada de novas linhas digitais, o uso político da internet, como isso pode ser interpretado, entre outras questões, ligadas a regulação, também tem me preocupado bastante, a desregulação dos meios de comunicação, debate que está aí na ordem do dia. Enfim, a gente continua trabalhando sempre com o tema. Não existe uma pesquisa sistemática que preveja coletas de entrevistas atualmente, mas a qualquer momento a gente pode voltar a campo, depende da demanda, da hora, da pesquisa que a gente for fazer, da metodologia que tem que aplicar etc..

A partir desse trabalho, dessa reflexão que vocês puderam fazer com base nas entrevistas, sobre esse período que nos interessa nesta edição especial do jornal ANJ – que são os últimos 30 anos – o que você poderia dizer do papel dos jornais no processo de redemocratização do País?

– Se você colocar numa perspectiva histórica ampla, que é forçosamente o caso, eu acho que o saldo é bastante positivo. Não apenas para a democracia brasileira, como um todo, mas é claro que também para a inserção geral dos meios de comunicação. Se você olhar do lado do atacado, eu vejo muitos avanços: eu acho que a gente avançou muito em termos de democracia, em termos de debate nos últimos trinta anos. E eu acho que a mídia faz parte desse processo, não pode ser excluída de maneira alguma desse processo. No varejo, evidentemente, a gente tem um monte de pequenos problemas que podem ser tornar grandes problemas, mas, por um lado, isso é inerente ao regime democrático – eu não gosto muito daquela idéia de consolidação democrática, que dá a impressão de que a democracia é uma espécie de arvorezinha que você vai plantando e depois que vira uma árvore frondosa, ninguém derruba. Não acho que seja por aí, eu acho que é muito mais um processo de equilíbrio.

Pode parecer um objetivo claro e definido, quando é mais um processo, antes que tudo, não é?

– Exato, é um processo que tem determinado equilíbrio, e eu acho que o equilíbrio democrático brasileiro, hoje em dia, é bastante razoável, bastante bem fundamentado e estável. Agora, não significa que não tenhamos problemas. Acho, como dizia, que no varejo há alguns problemas, mas que por um lado são inerentes a esse equilíbrio – que por ser um equilíbrio é uma coisa que tem uma dinâmica muito própria e oscila – e tem de ver a perspectiva em que você se encontra. Mas, de maneira geral, eu vejo que os principais problemas são devidos ao próprio funcionamento do regime democrático, ao aprendizado do regime democrático – que ainda é uma coisa relativamente nova para o Brasil, como um todo e para os próprios meios de comunicação e outros atores do jogo político -, e por outro lado há problemas que não têm nada que ver com o regime democrático em si. São problemas antigos da sociedade brasileira, do nosso Estado. Na verdade, o desenvolvimento, o avanço da democracia, da transparência e da visibilidade vai tornando esses problemas mais agudos, de modo que dá a impressão que eles começaram hoje.

Pode dar um exemplo?

Só pra dar um exemplo da ordem do dia: tudo isso que está se falando com relação ao Senado não é nenhuma novidade, a novidade é que isso está vindo a público e a opinião pública não aceita mais esse tipo de procedimento. Mas não é nenhuma novidade, esse tipo de utilização patrimonialista do recurso público é a coisa mais velha da história do Brasil. Não foi uma invenção nem do presidente José Sarney, nem dos atuais senadores. Isso é um problema seríssimo, não é? Não só do Senado, mas do Estado brasileiro de maneira geral, e da sociedade brasileira de maneira geral, que o avanço da democracia torna anacrônica, que não pode mais tolerar isso. Mas isso também tem a ver com o avanço da democracia e, obviamente, a mídia tem um papel fundamental nisso.

– Voltando um pouco aos depoimentos dos jornalistas, e tal, no livro “E eles mudaram a mídia” vocês ouviram os depoimentos de seis jornalistas. Desses, só um, naquele momento, não era de jornal, Evandro, e ainda assim ele tinha se formado em jornal e tinha passado pra tevê mais maduro. Por que esse foco nos jornais? Você podia trabalhar com essa idéia do papel dos jornais no conjunto da mídia?

– Olha, o jornal continua sendo, eu acho, ele tem um papel simbólico do ponto de vista da história da mídia. Ele é o veículo mais antigo, é o veículo que passou por todas as

metamorfoses, que teve inclusive que se adaptar ao surgimento de todas as outras mídias. E, de alguma maneira, ele também personificou a história, é o veículo que melhor personificou, digamos assim, os ideais, as idiossincrasias, a identidade da profissão, tanto que a gente fala jornalista. Ele trabalha no rádio, ele trabalha na televisão, trabalha na revista, trabalha na internet, mas ele é um jornalista. Quer dizer, o nome está ligado ao próprio veículo, então o jornal tem essa marca, por ser o decano – digamos assim – por ter passado por todas as metamorfoses, ele ainda encarna muito o ideário, o imaginário do que que é a profissão. Você fala repórter, você já tem na mente aquela figura do camarada que é atento, que é curioso, que tem jogo de cintura, discernimento pra ver o que é notícia e o que não é. Enfim, tudo isso o jornal exerce. Por outro lado, as características do veículo continuam mantendo ele muito importante pra esse imaginário. Por quê? Porque o jornal, primeiro o jornal, claro que vale pra revista também, mas o jornal é o depositário da palavra escrita, que tem uma certa perenidade e tem uma certa seletividade, porque o espaço do jornal e da revista é restrito, assim como os outros meios de comunicação. Mas ele tem uma certa seletividade envolvida no uso da palavra escrita, do texto escrito, na narrativa que conta uma história, ou de um argumento que interpreta os fatos, a palavra escrita. Então, isso tudo dá ao veículo, ainda, uma força, um prestígio simbólico muito grande. Como todo prestígio é simbólico. Que mesmo quando ele não é atingido na prática pelo desempenho dos jornais reais, ele está referido a um determinado ideal de credibilidade no contar uma história com fidelidade, com isenção, e oferecer uma interpretação da realidade, equilibrada, baseada nesses mesmos fatos e relatos sobre a experiência coletiva. Então, o jornal continua sendo, ele tem um peso simbólico muito grande.

– A meca principal do Jornal do Brasil é o Jornal Nacional? Os assuntos abordados nos telejornais têm origem no jornal, ou em pautas da mídia. O caso do Senado está aí pra mostrar isso. Todos os fatos vem sendo levantados pelos jornais

– Ou pelas revistas, né, o papel das revistas também com o ativamento da agenda política, com as denúncias. Nos últimos vinte anos, quantas crises, denúncias, foram ativadas por denúncias que foram colocadas pelas revistas. Que aí entra também essa característica temporal das revistas, né! O jornal tem aquela coisa do cotidiano, aquele espaço diário, pra colocar as coisas, mas ele tem essa coisa da velocidade cotidiana, e aí tudo bem, tem suas edições de fim-de-semana onde podem ir suas matérias mais elaboradas. A revista trabalha com a semana e tem um poder de síntese maior do que o jornal. Mas são dois veículos que pautam a maioria dos outros meios. É claro que eles também sofrem influência. A primeira parte dos jornais e o uso das imagens é muito influenciado pelo que foi privilegiado pelo telejornal na noite anterior. Se você assiste o Jornal Nacional ou vê o Jornal da Globo ou outros jornais importantes das outras emissoras, em geral as matérias que vão “estar” na primeira página, as imagens que vão estar na primeira página refletem muito em medida aquilo que foi o critério de noticiabilidade da televisão, que é a imagem ou o audiovisual. Mas sob o ponto de vista de pauta, de assunto, e principalmente de maneira de interpretar o fato, eu acho que os jornais e revistas continuam sendo a principal referência pro mercado. Por isso tudo eu acho que é muito importante. Inclusive naquele período que a gente analisou, que fez aquele livro, era um período em que a tevê já estava assumindo a liderança, o comando da captação de recursos publicitários tornando-se o veículo de maior penetração, de maior impacto do ponto de vista do negócio de comunicação, mas por outro lado o jornal ainda era, ainda tinha um peso grande, e segue tendo até hoje, mas que era ainda maior do ponto de vista, principalmente, da formação de opinião, porque também há esse lado no

jornal. Na pesquisa que a gente fez, como era uma pesquisa muito voltada a discussão da intervenção política nos meios e o contexto da transição, e o nosso enfoque aqui todo é de história política, era evidente também que nós privilegiamos na pesquisa os chamados meios formadores de opinião.

Nessa linha do que você está colocando – e eu até estou me apropriando de uma lembrança feita pelo Carlos Muller, ontem, em uma conversa que a gente teve – que se relaciona ao impacto que as novas mídias, a internet, a mídia digital pode ter na qualidade do jornalismo que está se fazendo hoje em dia. A gente vê nos EUA os jornais impressos em crise, e diminuindo os investimentos das empresas jornalísticas num jornalismo mais aprofundado, e a colocação que se fazia, que o Muller até mesmo fazia, para pesquisas que apontam o aumento da corrupção no Estado municipal com a diminuição da cobertura nas Câmaras de Vereadores, nas Prefeituras. Ou seja, o que eu queria que você – se você pudesse fazer uma reflexão dentro do que falou anteriormente, já que você colocou da importância do jornal impresso, dos jornais como esse meio tão tradicional nesse processo de formação de opinião, você vê algum perigo? Como é que você enxerga daqui pra frente – como é uma nova realidade – o papel do jornalismo como formador de cidadania, de consciência crítica e assim por diante?

– Tem uma série de questões que são muito preocupantes. A primeira é essa questão da sobrevivência dos jornais nesse universo revolucionado pela mídia digital – eu continuo achando que o jornal vai ter um papel, eu não sou dos mais pessimistas em relação a isso -, mas eu não vou querer dizer que não existem problemas, que não existem dificuldades, pois está tudo aí na ordem do dia. e pra mim eu não tenho a menor idéia de qual é a saída, o jornal entende qual é a saída empresarial, sem qualquer intenção de dar consultoria sobre isso. Não sei qual é, realmente, sob o ponto de vista empresarial – e é claro que a realidade do jornalismo americano é muito diferente da nossa – não é por aí que eu posso refletir. Do ponto de vista que você coloca é muito preocupante, sem dúvida nenhuma. No caso do Brasil não vejo muito perigo, porque já estamos mal neste aspecto. A cobertura da política local é alguma coisa que eu acho muito deficitária na nossa grande imprensa. Quer dizer, eu não vejo risco de aumentar a corrupção ou os problemas locais por alguma deficiência de jornalismo, porque a deficiência já existe, e esses problemas locais já existem há muito tempo. Na verdade, nós já temos um déficit há muito tempo de cobertura da política local. É claro que isso tem uma série de razões históricas pra isso, eu não estou colocando aqui uma responsabilidade, uma culpa nos jornalistas para isso, não, é uma questão muito mais complexa que tem que ser analisada, isso de um lado. Do outro lado nós temos um problema muito sério, que é a atividade da pequena imprensa das pequenas cidades do interior, que é uma coisa que está muito longe da liberdade de expressão que nós temos aqui nos grandes centros ou no jornalismo formador de opinião nacional. Esse é um outro problema muito sério que tem de ser encarado, e eu não vejo ninguém falar sobre isso quase em matéria de discussão de liberdade de expressão: como proteger a pequena imprensa ou como fomentar a pequena imprensa, ou o tipo de atividade jornalística, seja lá o que for, no campo local, no campo municipal ou no interior. Inclusive é um problema muito sério, porque há um crescimento, do ponto de vista econômico e político, da importância das menores cidades, do interior etc.. Esse é um problema antigo e crônico, eu acho, da inserção da mídia na estrutura, na sociedade, no Estado brasileiro. Este é um primeiro ponto. Então, na verdade, o que mais assusta em relação ao Brasil com as novas tecnologias é, exatamente, a perda de

qualidade – digamos assim -, por falta de recursos, dos chamados veículos de formação de opinião, que você se falou são veículos que têm muito impacto na formação da cidadania. Eu acho que para formar cidadania o conjunto dos veículos tem um papel muito grande e(m) outras instituições, e aí eu não sei se o jornal é a única maneira, ou se na questão de formação de cidadania a própria internet, ou o rádio e a televisão também não tem uma contribuição maior que poderiam dar. Agora, de qualquer maneira, acho que seria uma perda muito grande se a gente não tivesse mais os grandes jornais de opinião, se se tornassem ou inviáveis – do ponto de vista econômico – ou o que é pior (por conta de um problema que a gente já viu acontecer várias vezes) eles se tornarem muito frágeis economicamente e se tornarem dependentes de grupos econômicos, e aí o jornal perde o seu valor maior, que é a credibilidade. E a gente já viu acontecer essa história em vários lugares. Eu não vou dar exemplos aqui, mas está cheio de exemplos de veículos que, por não conseguirem se estabelecer economicamente, se tornaram reféns de grupos econômicos, de grupos políticos, e aí a credibilidade desses jornais foi pro espaço. Eu separaria as coisas. Com relação a formação da cidadania, acho que o conjunto das mídias pode ter um papel – isso não é responsabilidade só do jornal, acho que tem de todos – e nesse ponto a gente pode avançar muito. Agora, me preocupa, de fato, a crise do jornal impresso, que é uma crise que tem de ser enfrentada, não sei como, tem de se buscar saídas. Eu acho que a internet não pode ser vista como a vilã dessa história, ela tem que ser alguma coisa que ajude, não sei também como. Por outro lado, também, acho que é um dos problemas muito sérios em que se tem que atuar, enfrentar. Primeiro isso, a qualidade da informação local que se produz neste país, sob o ponto de vista dos próprios veículos menores e locais. Esse é um problema muito sério. O outro problema, também antigo, é a qualidade da cobertura local, que no Brasil sempre foi deficitária. Os grandes veículos de comunicação cobrem muito mal a política local e os eventos locais. Eles cobrem muito o dia-a-dia, cobrem as mazelas, a insegurança, o noticiário policial, mas o cidadão é muito pouco informado sobre os meandros da política local. Enquanto que a gente recebe doses cavalares de absolutas coisas irrelevantes sobre Brasília. Metade do noticiário que se faz as vezes sobre o Congresso Nacional e sobre o próprio governo federal é secundário, é mais importante falar daqui de problemas locais. Mas isso é um problema mais sério, que a gente tem de analisar também porque isso acontece.

– Isso justamente num cenário que, internacionalmente, se diz que a perspectiva para o jornalismo nas mídias tradicionais é justamente a questão local.

– Com certeza, porque no local é que está a vida do cidadão. A qualidade de vida do cidadão. No nosso sistema, por exemplo, que é um sistema federativo, a maior parte dos serviços essenciais para a qualidade de vida do cidadão depende muito mais do governo municipal e do governo estadual do que do governo federal.

– O Franco Montoro disse que o estado e país são, de certa forma, uma abstração, pois as pessoas vivem na cidade.

– Eu me lembro do Ulysses Guimarães falando: as pessoas moram no município. Pois bem, isso é uma coisa séria, e, evidentemente, a política local tem impacto grande nisso. Quer dizer, não há cobertura das Câmaras (de Vereadores), não há cobertura das Assembleias (Legislativas). Aí vão dizer “mas elas são irrelevantes do ponto de vista jornalístico”. Eu não sei se são irrelevantes. Aí é uma questão de pensar, mas também acho que quanto menos se fale delas mais se tornam irrelevantes. Eu não sei. Da ação da Justiça no nível local. Enfim, acho que temos uma pauta de assuntos importantes pra serem tratados, que interessam ao

consumidor, e, daí eu fico pensando se será que a grande imprensa, formadora de opinião, se ela se debruçasse mais nesses temas, será que ela não poderia não só contribuir com um jornalismo de melhor qualidade – e muitas vezes o local é deixado com uma imprensa que não está tão preocupada com qualidade. Enfim, não sei, não sei se poderia ser uma saída econômica, mas eu estou colocando demandas mais como sentido da política, que é o que acho que posso fazer.

– Nós falamos antes um pouquinho do risco de captura dos veículos fragilizados, pelos grandes grupos econômicos, mas o risco também de captura pelos governos, não é? Como na imprensa francesa, por exemplo.

– Claro. Se você for capturado por um grupo econômico, mas este grupo econômico for altamente profissional, e ele quiser investir na qualidade, não é, necessariamente, um mal você ter sido capturado por este grupo, se ele quiser investir na qualidade de seu produto com uma visão ampla etc.. As vezes, o problema, é você ser capturado por pequenos grupos ou pequenas oligarquias, pode ser um governo ou pode ser também um grupo local, e aí o jornal se transforma, perde a credibilidade, porque ele passa a ser porta-voz de uma facção, de um grupelho.

– O grupo usa o jornal como um habeas corpus?

– Sim, e aí vai-se embora a credibilidade do jornal, você matou o veículo. ..(..).. Porque aí você pode pensar que ali é um jornal conservador, ou é um jornal esquerdista, eu não concordo com a linha política dele, mas eu sei que ele é independente, no sentido de que ele tem seu ponto de vista e eu sei que ele é independente e defende seus interesses, ele é autônomo. Então eu sei com quem estou lidando, eu sei que aquela notícia que está vindo naquele jornal eu vou dar o desconto, pois sei qual é a linha ideológica ou partidária, mas eu sei que é ele que está falando, entendeu? Me dá uma certeza, e eu não preciso concordar com o cara, o importante é eu saber que ele está sendo honesto no que está dizendo. Agora, outra coisa é eu chegar no veículo, que por uma série de razões, em geral, econômicas, eu não sei quem é que põe dinheiro neste jornal e a serviço de quem ele está . E como é que vou confiar nessa informação que está me dando aqui. Isto é muito sério. E quando o veículo perde isso o leitor fica desestimulado a ler, ele vai ter outro jornal, ele vai me prestar algum serviço, mas de outra natureza, eu vou descartar completamente o noticiário político e econômico, que é o que faz o peso do formador de opinião, ou até mesmo o noticiário cultural (“esse jornal não é um jornal de cultura sério, que em vez de cobrir o que interessa na vida cultural ele está a serviço de grupelhos”), de auto-promoção de determinados grupelhos ou panelinhas. Qual é a credibilidade desse jornalismo? Então, eu acho que essas são questões muito importantes e, evidentemente, acho que todos nós temos que estar preocupados com a viabilidade econômica dos veículos. Temos de pensar quais saídas ou oportunidades, e, talvez, o jornalismo local seja uma grande oportunidade.

– A imprensa brasileira passou por uma série de transformações, nas últimas décadas, mas é possível identificar um grande ciclo de modernização a partir dos anos 50. Quem conduziu isso foram algumas gerações, basicamente, até a virada do século três gerações que tinham determinadas características, não é? Você poderia falar dessas gerações e, vocês identificam uma nova geração, agora, posterior a essas três?

– Olha, eu acho que sim. Quando a gente começou a fazer o trabalho há uns dez, 15 anos, já era visível a mudança muito grande do perfil, porque, acima de tudo, você tem dois grandes

processos que aconteceram na imprensa brasileira nesses cinquenta anos que você delimitou aí.

RP – Você pode identificar essas gerações? Essas três a que você se refere no seu trabalho?

– Digamos que você tinha uma primeira geração, que eram aqueles que foram formados ainda no período, começaram a entrar no jornalismo nos anos 50, e se formaram, construíram suas carreiras a partir dos anos 50 e que não foram formados no mesmo processo de transição. Primeiro, você tinha um problema, uma questão de que o jornalismo ainda era uma profissão muito precária e romântica. Os jornais pagavam muito mal, quando pagavam ou pagavam em dia, o jornalista tinha que ter vários empregos, vários bicos, e, frequentemente, ele tinha que se pendurar num emprego público para poder garantir sua sobrevivência, porque ele não tirava isso do jornal. E jornal era muito mais, para o dono, um veículo de uso político e empresarial, mas não no sentido de vender jornal ou de captar publicidade. Ele usava aquilo para alavancar outro tipo de negócio, desde os mais elevados aos mais baixos, quando não era, simplesmente, uma ferramenta política ou uma “coisa” que ele alugava para grupos políticos. E havia também o outro lado muito romântico, da pessoa que utilizava o jornal para defender uma causa ou o próprio jornalista que entrava no jornalismo mais por uma motivação política, ideológica, uma vontade de fazer uma mudança do que, propriamente, para exercer uma profissão, uma carreira regular. Então, a primeira mudança vai ser esse longo processo de profissionalização e empresariamento do jornalismo, e muito veículos caíram no meio do caminho, outros se firmaram e se estabeleceram como grandes empresas, com padrão industrial de qualidade de produção, evidentemente também expandiram para outras atividades, como rádio e televisão, e outras atividades próximas do campo do jornalismo. A geração seguinte já é uma geração que vai pegar os jornais em uma outra etapa, mas aí tem um outro fator fundamental. Além desse fator de ordem econômica e social amplo, digamos, que é a profissionalização e o empresariamento, que a gente chama de transição da imprensa para uma imprensa profissional, capitalista, de grande porte, você tem um processo paralelo que é o processo de desenvolvimento político do país. Essa transição começa no período de democracia de massa, primeira vez que nós tivemos isso, competição, e interrompida violentamente com a ditadura de 64. E aí, como a atividade é umbilicalmente ligada a política, e havia muita gente ali atuando, e que o jornalismo tinha uma atividade política .. tinha que partir de todas as formas, para todos os lados ... Então, obviamente, a geração que vai se formar no momento seguinte, digamos, nos anos 60, 70, já é uma geração que se desenvolve, ao mesmo tempo, sob o tacão da ditadura e sob a pressão do processo de empresariamento cada vez maior, de industrialização do jornalismo. E vai se formar um outro modelo de profissional, e esse profissional deixa de ser tanto aquele aventureiro boêmio, romântico, do estereótipo antigo, e passa a ser um novo profissional que, inclusive, vai começar a ter uma remuneração mais sólida, uma situação profissional mais sólida, ele não vai poder trabalhar em dois ou três veículos, vai ter de vestir a camisa de um só, você tem o profissional de uma determinada empresa e deixar de lado, também, questões de ordem mais partidárias, ideológicas, e se transformar mais no profissional de imprensa. Então, a primeira geração, digamos assim, viveu a transição. Essa segunda geração, que talvez a gente locaria, grosso modo, nos anos 70, é, exatamente, a geração da profissionalização e da despartidarização da imprensa. E aí você tem a geração posterior, a geração atual, que confesso a você que não andei pesquisando, mas que já encontrou essas empresas estabelecidas, já começou a desenvolver a sua atividade em plena democracia, ou

quase isso (mas essa maioria começou e já com democracia), não tem memória nem do que seja a ditadura, nem do que foi a experiência de jornalismo naquele período, nem muito menos o que aconteceu antes disso, já atua num mercado organizado, institucionalizado e que, inclusive, politicamente, a mídia vai assumir um outro papel, a medida em que a política, em si, se democratiza, e que, talvez, funções que ela estivesse cumprindo na época da ditadura vão deixar de caber a imprensa, embora (e agora) ela vai assumir outro papel. E essa nova não tem essa memória, vive numa outra realidade e já vive, digamos assim, sob a lógica digital, do computador, não só dentro das próprias redações – que são as primeiras a se informatizarem -, mas depois disso todo o público consumidor se informatizou. Então, é uma outra realidade. Por outro lado, por conta da revolução tecnológica, você tem uma abertura para o pluralismo de novas formas de atividades jornalísticas e que não existiam antes. Ou, o que eu mais admiro, que é a questão do cidadão que começa a ser repórter, começa a contribuir com matérias etc, porque ele tem uma câmera digital, ele pode fotografar ou filmar um flagrante, ele tem um computador, ele pode blogar, enfim, são situações que em pouco tempo a face do país e, obviamente, do jornalismo mudou completamente.

– E os empresários do setor também passaram por uma transição geracional?

– Sem dúvida nenhuma, você tem novas gerações. Se você pegar, por exemplo, o principal grupo jornalístico do país, que são as Organizações Globo, passou por uma mudança de geração muito forte. Você tem o caso da Folha (de S.P.), do Estadão (de S.P.). O Jornal do Brasil mudou de dono, um outro grupo passou a ser dono do jornal. Você tem a Revista Abril, que tem um outro processo de transição, mas, enfim, sem dúvida você tem uma nova geração de empresários de comunicação comandando os dois grupos de comunicação de formação de opinião do país.

– Em São Paulo também aconteceu isto?

– Sim, claro, lá no Rio Grande do Sul, em outros estados. Confesso a você que eu não tenho acompanhado recentemente essas mudanças de comando das cúpulas jornalísticas, mas os sinais estão aí.

RP – Você o “maquinário” dessa gerações de jornalistas, e falou lá atrás também que, embora seja muito difícil dizer o que vai acontecer, a gente eu acho que está bem no meio da transição imposta pelo nova realidade da mídia digital, mas se você pudesse, de alguma forma, dar uma opinião ou elaborar, qual sua expectativa em relação a mídia impressa ou jornal daqui para frente. Como agente num processo democrático e tudo o mais o jornal impresso?

– Eu não sou pessimista. Eu acho o seguinte, em primeiro lugar, tudo na vida é uma questão de perspectiva, lugar de onde você está falando. Coincidentemente, a gente fala “ah, é um processo de transformação e mudança”, algumas coisas novas surgem, algumas pessoas aproveitam a oportunidade e muita gente fica no meio do caminho. Pra quem fica no meio do caminho, o processo de renovação nunca é uma coisa muito agradável, então a gente sabe, alguns filósofos já nos ensinaram, que não existe um processo criativo que não envolva uma parte de destruição. Então, a primeira coisa de que a gente precisa ter clareza é de que nenhum processo tem que ser pacífico, sem resistências, e que todo mundo vai sair ganhando no final. Isso não se pode perder de vista. As pessoas vivem no curto prazo, como diria Lord Keynes - a longo prazo estaremos todos mortos. Não adianta você ver um futuro brilhante, se

eu vou perder meu emprego amanhã por causa desse futuro brilhante. Também não devíamos esperar que isso vá se dar sem conflitos. Por outro lado, toda crise é também uma oportunidade, para você avaliar o que não está funcionando ou o que não está funcionando mais. Por quê você não pode continuar repetindo – o seu cardápio, se está como você faria quando estava tudo tranqüilo. Ou seja, alguma coisa tem que mudar, as coisas estão mudando, não, necessariamente, para melhor e você vai ter que se virar em relação a isso. Por outro lado, isso também é uma oportunidade para renovação, para inovação – surgimento de novas formas e novos atores, uma oportunidade de renovação. Então, a primeira questão, obviamente, é que não dá para ficar parado, vendo o bonde passar, e você tem que tentar pegar o bonde, nem que esteja andando, e tentar entender o que está acontecendo e analisar aquilo que você fez, que você faz de errado, o que você faz de bom, o que você pode descartar e aquilo que você tem de procurar manter, e aquilo que faz inclusive a sua identidade para não perder. Eu vejo, por um lado, o momento com otimismo, porque eu acho que essa revolução digital tem uma série de características estruturais muito interessantes. A principal delas é a capacidade que ela tem de avançar num certo pluralismo nas vozes e nas formas de ser. Eu acho muito salutar a possibilidade de você ampliar o espectro das vozes que vão se manifestar através do jornalismo, eu acho que é uma possibilidade para novos jornalistas surgirem, novas possibilidades de jornalismo. Isso tudo é possibilitado pelas novas mídias. Eu não sei o que vem por aí no terreno de rádio e televisão, mas é evidente que o avanço dessas novas tecnologias pode mudar completamente o panorama, inclusive levando em discussão de modelos de concessão e de formas de exploração dos canais. Eu acho que a tecnologia, além do que é uma tecnologia que tende a se baratear e se popularizar como tal. Então, tudo isso para mim não posso deixar de achar interessante, no sentido de um certo pluralismo, mais gente entrando na brincadeira, no mercado e produzindo novas coisas. Por outro lado, podem acontecer perdas, coisas interessantes, experiências valiosas podem se perder porque não se adaptaram, ou perderam suas fontes, ou porque, na verdade, continuam mas perderam a identidade, como eu falei, aquela coisa triste do jornal que já foi grande, um veículo de comunicação que já foi grande, teve muito prestígio, influência etc, e que continua aí, vai definhando e perdendo a sua identidade, atira em todas as direções e não acerta nenhuma. Enfim, não perdeu o bonde. Isso é triste, mas faz parte da história. A única coisa que eu acho é a seguinte, existe um capital específico, no caso dos jornais, que distingue o veículo de outras formas e que ele não pode perder: a credibilidade e a seletividade da palavra impressa. Ou seja, por um lado você tem um movimento de democratização do acesso a produção de informação. Por outro lado, existem elementos de seletividade, de qualidade dentro disso, que não precisam ser perdidos, e é uma qualidade que as vezes o jornal tem que a própria internet não tem. O jornal pode ter a sua página na internet, mas a internet, por natureza, é uma mídia multifacetada em que você vai navegando ao seu bel-prazer. Por isso que eu digo que a internet é a casa da mãe-joana, entra todo mundo pela internet e fala o que quer na internet. Isso é muito bom, porque é democrático, por outro lado, o que que eu posso confiar no que está dito na internet? Um veículo de comunicação impressa, que tem legitimidade, credibilidade, mesmo que eu discorde dele, politicamente, ele tem um valor que a internet, em si, como conjunto de mídias, de veículos, não tem. Eu acho que esse é um capital específico da imprensa escrita, que ela tem e os outros veículos não tem. O rádio e a televisão tem um poder fantástico, mas eles não tem a palavra impressa, você assistiu, viu e aquilo se perdeu. Tudo bem, isso vai ficar arquivado na própria internet, mas a emissão que você assistiu ou ouviu pelo rádio fica na sua memória e só. Enquanto que a palavra escrita não, ela fica, ela permanece. Mesmo que o jornal vá para

a feira no dia seguinte, a palavra escrita permanece, ela tem essa seletividade que não é qualquer um que vai escrever ali, o jornal controla seu espaço. Enfim, eu acho que é uma revolução que está acontecendo, revolução que eu acho – em grande medida - muito positiva, principalmente, se ela vem acompanhada de democracia, que graças a Deus nós temos no Brasil, e em muitos países do mundo que nós estamos observando não tem essa maravilha que é poder ter liberdade de expressão, porque liberdade de expressão é um problema para eles e para nós não é. Agora, para que ela continue não sendo um problema para nós é preciso que as pessoas procurem fazer bem o seu trabalho e procurem preservar, acima de tudo, a sua credibilidade, que é o seu capital e diz: “Olha, eu sou uma voz que vale a pena ser ouvida, porque eu não estou aqui pra te ingrupir (enganar). Eu posso estar errado, mas eu acredito que eu trabalhei para produzir essa informação que eu estou te trazendo.” Isso tem valor! Eu acho que, por incrível que pareça, é o mesmo valor antigo, mesmo valor que durante anos fez a qualidade do jornalismo. Acho que nesse ponto não houve mudança, muda a realidade dos meios, a maneira de falar e produzir, em quem você chega e com quem você dialoga, mas o valor continua sendo o mesmo. Ou eu tenho credibilidade, ou eu construí, dei valor aquilo que eu estou falando ou eu não dei. Eu acho que isso é o ponto.

– Até nessa questão você está enfatizando duas coisas que são perenes ou, pelo menos, duradouras no papel da imprensa. E você identifica alguma coisa que tenha mudado nesse papel nesses 30 anos, digamos assim?

– Eu acho que os problemas, e as possibilidades e a qualidades, as virtudes e os defeitos são os mesmos. Nós continuamos vendo, assistindo, consumindo, informação produzida de maneira competente e séria e com credibilidade por vários jornalistas, vários veículos, e, as vezes, o mesmo veículo brinda com coisas que não tem o mesmo valor. Quer dizer, o mau uso do poder de informar continua tão vivo quanto a possibilidade de você fazer um uso virtuoso deste poder. O que talvez tenha aumentado, em grande medida tende a aumentar com a democracia – tanto no sentido político quanto econômico – o fato de que mais gente participa do jogo, mais gente participa do mercado e consome, que eu sei que se Deus quiser quero que seja o futuro do Brasil -, isso implica o que, quem pode falar para esses consumidores, digamos assim, para esses cidadãos tem um poder muito grande, esse poder aumenta. Por outro lado, a competição interna nesse mercado aumenta também e esse poder passa a ser controlado internamente. Se eu tenho que concorrer e buscar mais qualidade para atingir o meu consumidor, quem ganha é o consumidor. O poder da mídia, de uma maneira geral, cresceu muito, é inegável, por conta do avanço da democratização e por conta do acesso aos meios de comunicação, que hoje é muito mais democrático do que era no passado. Talvez a televisão e o rádio foram os principais agentes disso, e hoje a internet está fazendo outra mudança nesse sentido, mas ainda está longe do ideal, porque a inclusão digital ainda precisa aumentar muito. Agora, o fato de que tem mais gente lendo, mais gente consumindo, mais gente demandando, é bom, desde que você consiga ampliar, diversificar a oferta. E sendo esse jogo cada vez mais livre, e ao mesmo tempo cada vez mais institucionalizado, ou seja, as pessoas se sentindo seguras de serem livres, que seus direitos serão garantidos, e que se ela perde ela continua no jogo. Isso é aquilo que um cientista político, o Robert Dahl, chama de poliarquia e eu vejo com bons olhos. Acho que temos um grande caminho para avançar. Agora, com o poder da mídia vem os problemas, vem os abusos de poder, e que nós temos que combater, mas sabendo o que é o problema, assim como tem de combater o abuso de poder de quem governa. Isso é inerente a vida política.

– Esse grande processo de transformação, de modernização da imprensa brasileira, ele foi conduzido, operacionalmente, de modo geral e com algumas exceções, por jornalistas profissionais e não pelos próprios empresários. Não diretamente. Obviamente, esses profissionais foram escolhidos e representavam um projeto de mudança dos próprios empresários. Como você vê o papel desse empresário de jornalismo, ao longo dessa evolução dos anos 50 para cá e hoje?

– Em grande medida, mesmo os jornais, os órgãos de comunicação que seguem tendo ainda uma marca familiar muito forte, para sobreviver tiveram que se profissionalizar. Quer dizer, o laço de consaguinidade não dá nem vocação nem competência a ninguém. Pode dar uma facilidade, uma tendência social a que pessoas sigam o mesmo rumo, mas não significa, rigorosamente, nada em termos de se a pessoa tem mais ou menos vocação ou capacidade para a atividade que seu pai, tio ou avô fez. Eu acho que mantém-se muito essa característica formal da coisa familiar, como na verdade muitas empresas brasileiras, não só no jornalismo, e na política também – a nossa sociedade ainda tem um padrão de mobilidade onde os laços e de consaguinidade são muito importantes, as vezes são mais importantes do que no próprio jornalismo, depende muito da empresa -, mas o fato que você se empresaria obriga você a ter que privilegiar, acima de tudo, a vocação e a competência das pessoas. Colocar pessoas em postos-chaves, de decisão, e quem sabe e goste de fazer, quem tem vocação para aquilo. Então, quando se fala que a imprensa brasileira é dominada por meia dúzia de famílias, sim, mas o problema não é que são famílias, e sim que são meia dúzia. E a questão também é a seguinte, se não forem a meia dúzia de famílias, quem serão? Serão meia dúzia de grupelhos e facções sem nenhum compromisso com qualidade jornalística? Também não nos interessa. O que interessa é esse mercado forte, competitivo, em que de fato possa brilhar e incentivar a qualidade, a inovação, a criatividade. E para que isso produza a melhor informação, precisa ter uma informação diversificada e bem apurada. Então, acho que a sociedade brasileira tem que sempre tomar muito cuidado, e não sei se só aqui no Brasil não, pois a gente percebe essa coexistência, maleabilidade, adaptabilidade de formas muito antigas com formas muito novas, padrões muito antigos com padrões muito novos. Então, você convive formas extremamente modernas, competitivas, meritocráticas, com formas patrimoniais, nepotismo, política de panelinha. Isso é um traço constitutivo da sociedade brasileira. Isso não está só na mídia, isso não está só no Senado, isso está em toda parte, em graus menores ou maiores. Aquilo que eu falei antes, muitos de nossos problemas tem a ver com a nossa herança, nossa história, a nossa maneira de ser e lidar com a vida. E isso entra em choque com o desenvolvimento do regime democrático, que é uma verdadeira novidade na nossa história. O regime democrático, como nós estamos vivendo hoje, só tivemos em magnitude menor em vinte anos, de 1945 a 1964, nem vinte anos foram. Então, depois de 85 ou 88, se quiser pegar o marco da Constituição, que ano passado fez vinte anos e foi muito pouco comemorada, nós já temos, finalmente, pouco mais de vinte e poucos anos de democracia de massa, moderna, competitiva e numa magnitude que não tínhamos nos anos 50, 60. Em grande medida por causa da mídia, também, porque a mídia atinge todo mundo. Nesse sentido eu acho que nós estamos indo bem, agora, nós temos um problema que tem a ver com nossa maneira de ser, com o nosso passado, nossa história. Só que o empresário, o dono do veículo, ser o seu executivo pode não ser um problema. Ele estar há anos e anos na mesma família também pode ser ou não um problema, a questão é como isso se manifesta. Em determinados casos isso não tem maior importância, porque o veículo é tocado por um grupo de profissionais que presta contas aos seus acionistas, ao mercado etc.. Em outros lugares a família pode destruir o veículo e, paciência, vai ficar no meio do caminho que nem um dinossauro.

– É muito claro nos depoimentos, principalmente do livro “E eles mudaram a mídia”, e você fez referência a isso já nesta entrevista, a mudança no perfil das redações, no sentido de profissionalização, de forma de fonte de meio de vida. E também há outros aspectos, as redações se tornaram mais femininas, houve outras mudanças nesse grupo social que faz jornalismo. Pode falar um pouco sobre isso?

– Isso é muito importante, mas não é exclusivo do jornalismo. As mulheres avançaram na sociedade brasileira, nesses últimos quarenta anos, como aconteceu no mundo, e isso é uma coisa a ser comemorado. Eu me lembro de um artigo do Wanderley (Guilherme dos Santos, cientista político, Universidade Cândido Mendes, RJ) nos anos 80, 85, em que ele mostrava como o Brasil tinha mudado completamente a sua morfologia social e uma das grandes variáveis era a presença da mulher. Em algumas outras coisas a gente não tinha avançado tanto, e não sei se até hoje avançamos, principalmente na questão de cor, mas eu não vou entrar nessa discussão, senão a gente vai cair na discussão sobre ação afirmativa que não é o nosso problema aqui. Não vou meter a mão nessa cumbuca, que é um assunto muito complicado. Enfim, acho que a entrada das mulheres nas redações foi excelente. Eu sou um jornalista, e acho que se todo mundo tiver direito de ser quem for, como é, e tiver direito ao mesmo respeito que os outros, nós estamos bem. Então, acho extremamente positiva essa diversificação. O que me preocupa, só, as vezes, em determinadas análises, é uma certa velocidade, o ritmo da renovação, ou seja, você criar uma cultura de que o velho não presta, não tem nada a contribuir, de que só interessa o novo. Ou, então, razões que não tem nada que ver com isso, questões de ordem puramente de economia, e você começar a colocar para fora pessoas mais experientes e colocar gente nova, que não tem experiência etc..

Renovação, abertura, é sempre fundamental, mas é muito mais interessante quando esse processo se dá num ritmo tal em que você possa ter uma interação, entre velhas e novas gerações. Principalmente num *métier* em que você tem uma questão de experiência tão importante. Jornalismo também é uma arte. Você tem técnicas, você tem cursos que tem de fazer, você tem que se aprimorar, tem que estudar, mas é uma arte, e a arte depende também de experiência para atingir um determinado patamar de desenvoltura, de qualidade etc.. Além do que tem as questões da memória e história. A matéria do jornalismo é o tempo, é a história, e o que está acontecendo hoje tem a ver com o que aconteceu no passado. Então, o aspecto mais complicado dessa transição, talvez, foi ter sido muito acelerado, em que você substituiu velhas gerações e colocou gente nova. Você não pode desperdiçar, digamos assim, o capital de experiência dessas pessoas, mesmo que não fiquem na redação não pode ser perdida. E aí entra uma outra discussão séria, que tem a ver com o jornalismo, tem a ver com o Brasil, de maneira geral, que é a questão da memória. Nós precisamos cuidar melhor da nossa memória, se bem que a gente melhorou muito nos últimos anos, mas isso é patrimônio. Nossa memória e a experiência das pessoas são patrimônio, não se pode descartar isso.

– Até então, dessas transformações nas redações, nós vimos maior profissionalização, maior feminilização, diversidade, menos experiência – como falou agora -, mas lembro de vários depoimentos mencionarem uma queixa constante de uma perda da qualificação. Não se escreve tão bem..

– Essa é uma matéria muito polêmica, havia e há muita polêmica em relação a isso, as vezes você entra numa briga de gerações, se de fato o jornalista era mais bem informado, escrevia melhor do que o atual. Ontem eu vi aquela comédia maravilhosa, A Primeira Página, do Billy Wilder, que era um filme maravilhoso, em que mostra dois jornalistas na década de 20,

mais ou menos. Ninguém escrevia, o repórter não escrevia, ficava apurando a matéria lá no Tribunal de Justiça e tinha uma linha direta de telefone com a sua redação, chamava o copy e ia passando para ele a matéria. Não tinha o repórter que redige. Essa questão da formação dos jornalistas, a comparação intergeracional, ela é muito complicada e é uma briga aberta, e eu não vou me meter nessa briga. Inclusive, nos depoimentos que a gente colheu não sei se isso está mais evidente nos que estão no livro. E eu não acho, acho que os alunos que saem hoje da universidade escrevem melhor do que muitos outros do passado, que não escreviam no passado, e hoje o jornalista tem que apurar, tem que escrever, tem que ter texto final, e inclusive, agora, tem que ter capacidade de fotografar, filmar, tem que sair na rua com seu celular ou outro aparelhinho super-sofisticado. Ele faz tudo: prepara matéria para o jornal, texto, prepara matéria para a internet, então, não vou me meter nesta questão. O que eu acho é que, evidentemente, é que há uma questão que tem de ser estudada a fundo e também não é só um problema do jornalismo, que é a questão da formação de leitores, que é um problema que a gente enfrenta nas universidades, principalmente numa área em que são universidades de ciências humanas e sociais, em que você tem que a matéria-prima do nosso trabalho é livro, é texto, é artigo, é idéia, é desenvolvimento escrito. Então, a gente sofre quando vê que os alunos, muitos alunos, não tem nenhuma afinidade com a leitura. E digo uma coisa, tem muito jornalista, a maioria deles também só lia jornal, não lia livro nenhum. Quer dizer, é um problema de nossa sociedade, das nossas gerações, um problema mais amplo do que no Brasil, mas é um problema sério. Agora, eu não sei se, hoje em dia, o jornalista que entra trabalhando lá escreve melhor ou pior do que no passado. Eu sei que ele vai ter que escrever. Não tem mais copy para ele. Agora, se o texto dele é melhor do que o texto do passado eu não sei, e aí tem toda a discussão sobre a evolução do texto jornalístico. É melhor do que o que? Melhor do que o nariz de cera dos anos 40, ou ele é inferior ou melhor do que o *lead* que começou a se popularizar nos anos 50? Eu não sei, essa é matéria que acho que os jornalistas é que tem mais competência. Confesso a vocês que eu não estou nem estudando isso, mas eu me lembro das entrevistas, quando eu fiz as entrevistas havia muito dissenso sobre essa questão, de que hoje em dia houve uma perda etc.. Sempre há, e também é muito comum você. Hoje em dia, você compara a representação política no Brasil com o que era no passado, os discursos, os tribunos, e, sim, era outro mundo. Antigamente, você tinha a Câmara e a Câmara era um clube fechado e só entrava bacharel, então, realmente, era de se esperar que as pessoas fossem oradores muito mais bem informados, eloqüentes etc.. Agora, isso não significa nada do ponto de vista democrático, pode dar margem a uma nostalgia interessante, mas, enfim, o que isso significa...

– Nesse período em que a gente está se concentrando houve também um crescimento das formas de representação institucional da sociedade, com multiplicação de sindicatos, de ONG's, tanto da sociedade civil quanto de trabalhadores, de empresários. Como você vê o papel dessas entidades?

– Acho muito positivo, é um traço importantíssimo do desenvolvimento da democracia. Desde o século XIX o velho Tocqueville já falava da importância dessas ações para a democracia americana. Eu acho que esse é um traço característico de um regime democrático, onde tem muita liberdade e muita competição, onde os postos e os recursos de poder estão abertos a competição, e os interesses se organizam livremente, o importante é estar tudo dentro da lei. Então, eu acho extremamente positivo. Eu acho que isso também interfere na prática jornalística, em um certo sentido enfatiza uma certa especialização e profissionalização do campo jornalístico, porque o jornal não tem que cumprir a função de,

como era no passado, quando ele o principal formador, o verdadeiro partido, já dizia o Tocqueville, era o jornal. Depois disso se organizou, se institucionalizou o partido, o sindicato etc.. Um exemplo muito interessante: as pessoas falam, “ah, por que que acabou a imprensa alternativa, a chamada imprensa nanica na época da ditadura?”, e olha, entre outras coisas acabou porque esses jornalistas puderam voltar a trabalhar nos grandes jornais, que estavam censurados e eles agora podem fazer a cobertura política que eles antes não podiam fazer nos grandes jornais, e por outro lado, muitas dessas pessoas que participaram disso foram exatamente para os partidos, para os ONG’s, para os sindicatos, associações, para o trabalho acadêmico, enfim, abriu-se um espaço com a democratização, muito grande, para outra forma de associação, de atividades de propagação de produção de idéias. Então, o jornal também vai se situando nesse meio. Vai achando o que ele pode fazer, o que não precisa mais fazer e que outro pode fazer melhor do que ele. É verdade que algumas pessoas ainda continuam achando que seu veículo de comunicação é um partido, deve agir como um partido, mas eu acho que isso é um equívoco, muito grande, e não acho muito bom para a democracia isso. Jornal é jornal, partido é partido. Os dois funcionam bem quando cada um faz a sua parte, e um dialoga e cobra do outro. Mas acho também que esse é um processo – nesse ponto eu sou muito otimista e posso ser ingênuo – e eu sempre acredito que o desenvolvimento do sistema democrático com o aprendizado das regras, com o aprimoramento das regras, com a liberdade das pessoas a buscar seus interesses e defender seus pontos de vista, acho que ao longo do tempo isso vai formando, sedimentando, gerando novas iniciativas e as coisas vão se acomodando, num certo sentido. Mas, de novo, isso não é um processo pacífico, e há sempre turbulência. Enfim, não estou querendo pintar um mundo róseo para ninguém.